

O (E) ANUNCIAR NA FRONTEIRA: CENAS ENUNCIATIVAS EM JORNAIS SANTANENSES DO FINAL DO SÉCULO XIX, INÍCIO DO SÉCULO XX

Sara dos Santos Mota¹

mssaramota@gmail.com

RESUMO: Este trabalho volta-se para os anos finais do século XIX, início do século XX, período em que as comunidades fronteiriças do sul do Brasil incrementam seu processo de urbanização. Desde essa época, o comércio é um dos elementos que movimenta a economia da região, estimulando seu desenvolvimento e criando uma rede de ligações importantes entre os membros dessa sociedade e desses com habitantes de outras localidades. Em tais condições sócio-históricas, o jornal constituía-se em um meio de expressar e atender as demandas locais e intercambiar informações entre diferentes segmentos sociais. À luz dos estudos enunciativos (Benveniste, 1988, 1989; Flores *et al.* 2008), principalmente, da Semântica da Enunciação (Guimarães, 2005), objetivamos compreender a relação entre línguas e falantes no espaço enunciativo da fronteira no período referido, recorrendo, também, ao aporte teórico da análise de discurso (Guilhaumou e Maldidier, 1987; Orlandi, 2005). Para tal, consideramos o jornal como um espaço em que as relações fronteiriças se materializam. Tratando da relação entre sujeitos e línguas na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera através da análise de cenas enunciativas, constituídas em anúncios comerciais publicados nos jornais “O Maragato” (1898) e “A fronteira” (1908), pretendemos contribuir para a história da circulação do Português e do Espanhol na fronteira sul do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: fronteira; cenas enunciativas, jornais santanenses.

INTRODUÇÃO

A emergência de diferentes condições sócio-históricas tem favorecido a maior circulação de uma língua ou outra(s) nos “espaços de enunciação”(Guimarães, 2005). No que se refere ao “espaço de enunciação fronteiriço” (Sturza, 2006), a questão da circulação das línguas em regiões limítrofes do Brasil com outros países tem sido foco de interesse das

¹ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no projeto “Línguas de fronteira”², no qual este estudo se insere.

Certos acontecimentos que tiveram lugar nas últimas décadas, como a assinatura do Tratado de Assunção³ em 1991, e a posterior implantação do MERCOSUL em 1994, bem como a aprovação da Lei nº 11.161, de 2005, que torna obrigatória a oferta do ensino de língua espanhola nas escolas brasileiras, são exemplos de ações tomadas em âmbito estatal que incidem na relação entre línguas. Pois, nesse caso, favoreceram a entrada do Espanhol no espaço de enunciação do Português do Brasil e a uma maior circulação do Português no espaço de enunciação do Espanhol e das línguas faladas nos países membros do bloco econômico.

No entanto, áreas como as fronteiriças possuem historicamente uma forma de funcionamento específica que, independentemente de políticas estatais em nível nacional, apresentam outro modo de distribuir as línguas segundo uma dinâmica local, historicamente muito mais voltada para os países vizinhos e mais distante dos grandes centros políticos de cada país. Por isso do interesse de nosso estudo por tal questão no período especificado a seguir, pois procuramos pesquisar como ocorriam essas relações entre as línguas em outras condições sócio-históricas.

Assim, este trabalho volta-se para línguas presentes na região fronteira do Brasil com o Uruguai, mais especificamente, para o Português e para o Espanhol na fronteira constituída pelas cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Ao tomá-las enquanto objeto de pesquisa, refletimos sobre seu funcionamento e sua relação com os sujeitos que as enunciam, considerando-as em seu conjunto, colaborando para elaborar uma história da presença de tais línguas na fronteira.

À luz dos estudos enunciativos, sobretudo da Semântica da Enunciação, tratamos, então, da relação entre línguas e falantes no espaço enunciativo da fronteira no final do século XIX, início do XX, período em que essas comunidades começavam a passar por importantes transformações, intensificando seu processo de urbanização. Na época, o comércio era uma importante atividade na qual se sustentava a economia local. As relações comerciais entre as populações de Santana do Livramento e Rivera eram intensas, colocando em circulação sujeitos e línguas.

² Projeto de pesquisa vinculado ao Centro de Estudos sobre Práticas Linguísticas e Culturais e ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Acordo firmado entre o governo brasileiro em conjunto com os governos da Argentina, Uruguai e Paraguai, que culminou, posteriormente, na criação do bloco econômico denominado Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

Para a constituição do corpus selecionado, utilizamos jornais publicados em Santana do Livramento no período especificado. Devido à importância do comércio, optamos por recortar anúncios comerciais publicados nos jornais “O Maragato” (1898) e “A fronteira” (1908). Quanto ao procedimento analítico adotado, construiu-se baseado na noção de cenas enunciativas. Desse modo, é dessa perspectiva que analisamos os anúncios, tomando-os como cenas enunciativas particulares, esperando contribuir para os estudos fronteiriços e para a história da circulação do Português e do Espanhol na fronteira sul do Brasil.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CENAS ENUNCIATIVAS E A CIRCULAÇÃO DAS LÍNGUAS NA FRONTEIRA

Tendo como objeto as línguas que circulam neste espaço peculiar que é a fronteira de uma perspectiva dos estudos enunciativos, as tomamos em seu funcionamento pela enunciação, considerando a relação sujeito-língua(s), assim como a das línguas entre si. Ao assumir esse posicionamento, é que procuramos analisar cenas enunciativas e o modo como tais línguas são distribuídas ao serem enunciadas por sujeitos fronteiriços.

Ao buscarmos uma orientação teórica, iniciamos por recuperar, primeiramente, Benveniste(1989) em *O aparelho formal da enunciação*, para melhor definir a noção de cenas enunciativas. As reflexões desenvolvidas por Benveniste nesse capítulo nos interessam, sobretudo, por aludirem ao quadro figurativo da enunciação, ou seja, à determinação das figuras que tornam possível cada instância discursiva, efetuada em uma dada situação de enunciação.

É nele que se encontra a definição canônica de enunciação: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (Benveniste, 1989: 82). Ao ser formulada enquanto ação, realização particular, a enunciação supõe um responsável por tal ato. É durante o ato enunciativo que o *locutor* apropria-se da língua, postulando, ao mesmo tempo, o outro a quem se fala: o *alocutário*. A respeito da definição de enunciação proposta por Benveniste e os sujeitos implicados no ato enunciativo, Flores *et al.* (2008: 37) afirmam: “É a alocação que instaura o outro no emprego da língua”.

De acordo com Benveniste (1989: 87), a enunciação está caracterizada por intensificar a relação com o outro no discurso, dado seu caráter dialógico: “Como forma de discurso, a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação”.

Em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste trata de seu caráter constitutivo, a qual não pode ser considerada como instrumento de comunicação, pois o homem está naturalmente constituído pela linguagem. A subjetividade de que se fala está na capacidade do homem propor-se como sujeito, isto é, é pela linguagem que o locutor é capaz de colocar-se como sujeito: “É ‘ego’ que diz ego.” (Benveniste, 1988: 286).

Benveniste destaca ainda outra propriedade postulada como fundamental na linguagem: a polaridade das pessoas, isto é, sua reciprocidade. A linguagem só é possível porque as figuras da enunciação são reversíveis, cada locutor pode apresentar-se como sujeito em diferentes atos enunciativos. É a condição de *intersubjetividade*. Através de uma análise dos pronomes pessoais, existentes em todas as línguas, Benveniste expõe que “eu” se refere ao ato de discurso individual no qual é proferido, e lhe assinala o locutor. É, então, na instância discursiva na qual “eu” designa o locutor que este se propõe como sujeito.

Desse modo, ao trabalhar cenas enunciativas específicas, procuraremos determinar na língua as figuras implicadas pela enunciação - Quem fala? A quem fala? -, levando em conta as condições de espaço-tempo próprias de cada acontecimento enunciativo, e os lugares ocupados pelo sujeito quando enuncia.

Buscando ampliar a questão dos lugares enunciativos, recorreremos ao texto de Guilhaumou e Maldidier (1989), em “Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso”, texto oriundo de um colóquio, em que os autores indagam-se sobre como fazer a história da análise de discurso. Na tentativa de iniciar a construção de uma história da análise de discurso, partem da categoria da enunciação, retomando seu lugar nas posições dos teóricos que constituem o campo a partir dos anos 1970 na França.

A questão da enunciação aparece, por exemplo, a propósito da reflexão sobre a noção de sujeito em análise de discurso e o deslocamento operado a partir de Pêcheux na década de 80, em que se recupera um modo de descrição do sujeito enunciativo: “a descrição do sujeito enunciativo através dos lugares que ele ocupa no discurso, qualquer que seja o julgamento de legitimidade feito a seu respeito, está ancorada na língua e na história.” (Guilhaumou e Maldidier, 1989: 66). É, também, compartilhando dessa concepção que tomamos o sujeito como figura da enunciação nas cenas enunciativas que nos propomos a analisar, é o sujeito enquanto lugar social projetado em cada instância discursiva, cuja relação com a língua está constituída pela história.

Retornando às reflexões sobre a enunciação no seio dos estudos enunciativos, colocamo-nos em consonância Guimarães (2005) em *Semântica do Acontecimento: um estudo*

enunciativo da designação, para quem a(s) língua(s) é (são) tomada(s) no acontecimento enunciativo, em relação com o(s) sujeito(s) e produzindo sentido(s).

Ao caracterizar as figuras que compõem a enunciação, também as define enquanto lugares de enunciação, distribuídos segundo o agenciamento enunciativo próprio de cada acontecimento de dizer. Assim, a cena enunciativa caracteriza-se por “constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas.” (Guimarães, 2005: 23).

Para Guimarães (2005) o *locutor*(L) apresenta-se como lugar do qual se enuncia, representado como fonte do dizer, concebendo-lhe como uma figura díspar em que se reconhece a representação de um determinado lugar social que o autoriza a falar (*locutor-x*).

Para nós e para a análise que buscamos desenvolver, essa distinção é de extrema importância, pois, somente estando em um determinado lugar social é que o locutor pode dar-se como tal (locutor-presidente, locutor-jornalista, locutor-consumidor, etc.).

Levando em conta que a cena enunciativa organiza lugares de onde se pode assumir a palavra, trazemos, ainda, a noção de *Formações Imaginárias*⁴. Pois, nessa relação de línguas e sujeitos na fronteira, a língua é distribuída no dizer segundo o interlocutor com quem esses sujeitos se relacionam, havendo uma projeção do dizer em relação ao interlocutor/outro, portanto, da enunciação. De acordo com Pêcheux (1997: 174), “todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”, antecipando seu efeito.

A projeção que se faz do interlocutor pelo sujeito funciona como um “mecanismo da antecipação”, tal como nos propõe Orlandi (2005: 39). Assim, aquele que enuncia projeta uma imagem de seu interlocutor, que, por sua vez, possui uma imagem daquele que lhe fala. Aquilo que é dito e a maneira como significa está determinado por essas imagens que os sujeitos fazem de si e dos outros, pois os sujeitos, ao enunciarem, organizam estratégias a partir das formações imaginárias. Desse modo, as formações imaginárias funcionam como projeções dos lugares ocupados pelos sujeitos na enunciação, levando-os a tentar regular seu dizer e os sentidos daquilo que dizem.

No caso da fronteira, o espaço de enunciação, ao ser o lugar onde os sujeitos colocam em funcionamento as línguas às quais estão expostos e por elas se significam (Guimarães, 2005), o mecanismo de antecipação funciona no espaço de enunciação pela projeção de um outro que pode ser interpelado pela língua enunciada, seja em Português, em Espanhol ou em

⁴ Noção construída no interior do campo da Análise de Discurso de linha francesa e aqui tomada por nós para tratar da enunciação.

alguma outra língua praticada como o Portunhol⁵. O espaço de enunciação, ao definir-se pelo funcionamento das línguas, faz-se importante para tratar da constituição das cenas enunciativas na fronteira. Por isso, passamos a uma melhor caracterização desta noção.

1.2 ESPAÇOS DE ENUNCIAÇÃO E ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO FRONTEIRIÇO

A enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, dá-se no espaço de enunciação, o qual, enquanto espaço do funcionar de línguas, está sempre permeado pelo político⁶. As línguas dividem-se porque, ao funcionarem, significam como o falante se relaciona com elas, como por elas está tomado.

Segundo Guimarães (2005), existem diferentes modos de representação das relações entre línguas e falantes. A organização política dos estados nacionais é, por exemplo, um dos fatores que define o modo como as línguas distribuem-se no Espaço de Enunciação, é um dos modos de representar como falantes e línguas se relacionam. Por exemplo, a língua espanhola pode ser representada como língua estrangeira em relação ao Português se a considerarmos enquanto língua oficial de estados que se distinguem política e territorialmente do Brasil, enquanto línguas faladas por nações que não se inscrevem no território brasileiro. Considerando tais proposições, Sturza (2006: 59) assim caracteriza o espaço de enunciação:

O espaço de enunciação é um espaço configurado por uma relação de línguas e falantes. (...) Os sentidos são constituídos no interior de um embate, que é determinado pelo lugar político que as línguas tomam ao se confrontarem, ao se mesclarem, ao serem contidas e interditadas, na configuração de um espaço próprio, significadas enquanto línguas, dadas à existência pela existência de seus falantes.

Os Espaços de enunciação são, portanto, habitados por falantes que atuam como figuras políticas “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (Guimarães, 2005: 18), sendo assim, espaços políticos.

⁵ A designação “Portunhol”(ou *Portuñol*) é utilizada pelos falantes da fronteira para referir à língua decorrente da ‘mistura’ do Português com o Espanhol. Ao mesmo tempo, é também empregada em outros contextos, como os de aquisição de Espanhol ou Português como línguas estrangeiras ou como segundas línguas, servindo para referir estágios de aprendizagem dessas línguas. No entanto, no que se refere ao caso da fronteira, pode ser identificada com uma das variedades do que pesquisadores denominaram *Fronterizo* (Rona, 1965) ou *DPU* (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987).

⁶ Aqui, aludimos à concepção de *político* desenvolvida pelo autor, para quem o político caracteriza-se por ser “algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”. Formulada por ele a partir das posições de Rancière e Orlandi a respeito do *político* e da *política*, essa noção é então compreendida como um “conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento.” (Guimarães, 2005, p. 15-16).

Esses modos de representação dos quais falamos podem ser determinados diferentemente por fatores que atuam na relação falante-língua. Conforme afirmamos anteriormente, as imagens que os sujeitos projetam daqueles para quem enunciam, por exemplo, regem a maneira como o falante se relaciona com as línguas e distribui lugares para elas. Nesse sentido, Guimarães (2007: 64) distingue entre “relações imaginárias cotidianas” e “relações imaginárias (ideológicas) institucionais”. Entre aquelas relações que se constituem na ordem do cotidiano é que surgem as definições de “língua materna”, “língua alheia” e “língua franca” segundo o modo de representação das línguas para os falantes.

Quanto às relações cotidianas, distingue a *língua materna*, falada pelo sujeito por nascer no seio de uma comunidade que a pratica, das *línguas alheias*, qualquer não-materna, e *francas*, que são usadas para compreensão mútua entre falantes de línguas maternas distintas.

No âmbito das relações que se constituem na esfera do institucional, distingue-se conceitualmente a *língua nacional*, consistindo naquela que confere unidade a um povo, reconhecendo-se como membro de uma coletividade que fala a mesma língua; da *língua oficial*, aquela legitimada como a língua do estado, que o representa em documentos oficiais, atos jurídicos, etc. As *línguas estrangeiras* são, então, todas as praticadas pelos falantes de uma nação distinta da dos falantes em questão.

A fronteira, sendo um espaço de configuração particular apresenta outros fatores que influenciam no modo como as línguas funcionam e distribuem-se, outras formas de representar as relações entre línguas e falantes. Segundo Sturza (2007: 43), a fronteira brasileira com os países da América do Sul caracteriza-se, muitas vezes, por ser uma “zona de interface” do Português do Brasil com o Espanhol falado nos outros países sul-americanos, ambas funcionando como línguas nacionais e também oficiais de um vasto número de falantes. Isso não impede a prática de outras línguas nessas regiões, pois os limites geopolíticos não coincidem com os dos domínios linguísticos.

Nesse sentido, Fernandes e Sturza (2007: 5), distinguem outro modo pelo qual a relação entre práticas linguísticas enunciadas na fronteira poderia ser representada, - como “línguas próximas” - levando em conta as condições sócio-históricas da circulação das línguas de um lado e outro da fronteira. Uma *língua próxima* “funciona em um estado de interface com a outra, pertence a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam como tal”, são línguas que se caracterizam por estar “condicionadas à presença uma da outra” (Fernandes e Sturza, 2007: 5).

Pensando nos acontecimentos enunciativos que tem lugar na fronteira, é que Sturza (2006) cunha a noção de “Espaço de Enunciação Fronteiriço”, constituído por uma relação

entre os falantes e suas línguas bastante peculiar, igualmente atravessada pelo político. No espaço de enunciação fronteiriço, as línguas se organizam de diferentes maneiras determinadas pelos modos de significar a relação política que se dá entre as línguas e os sujeitos que as praticam em diferentes condições sócio-históricas.

Ao analisar *cenários enunciativos* que se constituem em jornais publicados no final do século XIX, princípio do XX, em Santana do Livramento, tendo como aparato teórico noções dos estudos enunciativos, principalmente da Semântica da Enunciação, dirigimo-nos a uma distribuição que se faz pela relação do falante fronteiriço com as línguas que pratica. Essa organização encontra-se materializada, por exemplo, nos anúncios comerciais selecionados para este trabalho, compreendendo os jornais como um espaço de circulação dessas práticas linguísticas e como um espaço em que os falantes significam sua relação com as línguas.

1.3 ANÚNCIOS COMERCIAIS DO FINAL DO SÉCULO XIX, INÍCIO DO XX: LÍNGUAS EM RELAÇÃO NO ESPAÇO DO JORNAL

O recorte temporal compreendido por este trabalho inclui os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX, período em que as localidades fronteiriças do sul do Brasil intensificam sua urbanização. Desde essa época, o comércio sempre foi um dos elementos que movimentou a economia da região estimulando seu desenvolvimento e criando uma rede de ligações importantes entre os membros dessa sociedade e desses com habitantes de outras localidades.

Nesse contexto, produtos e pessoas circulavam intensamente entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera, bem como iam e vinham de outras localidades, principalmente uruguaias e brasileiras. Segundo Fernandes e Sturza (2007: 4), “um dos fatores de sustentação da vida fronteiriça é o econômico. As negociações comerciais nas regiões fronteiriças contribuíram para o fluxo de pessoas”. Nessa conjuntura, não apenas mercadorias eram comercializadas, mas também serviços eram oferecidos à população. Alguns profissionais da região especializavam-se nas capitais rio-platenses e, através dos jornais locais, divulgavam novidades aos habitantes fronteiriços.

No início do século passado, época em que poucos eram os canais de comunicação existentes, o principal meio de informação da sociedade fronteiriça era o jornal⁷. Conforme

⁷ Segundo a ANJ (2009), foi no século XIX que surgiram os primeiros jornais de periodicidade estável e de cunho informativo na América Latina. Nos anos anteriores, a maioria possuía vida passageira. No Brasil, os

Cagianni(1983) e Chasteen(2003), através dele, divulgavam-se notícias que informavam os moradores das cidades da fronteira sobre o que acontecia nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro ou Buenos Aires, principalmente assuntos relacionados à conjuntura política nacional e local. A imprensa, na figura de órgãos responsáveis pela publicação de periódicos impressos, desempenhava um papel importante nas localidades em processo de urbanização, como o eram as comunidades fronteiriças do sul do Brasil.

Em relação à relevância dos jornais locais para a sociedade fronteiriça, Fernandes e Sturza (2007) evidenciam os aspectos cultural, social e comercial. Por exemplo, em periódicos do início do século XX em Uruguaiana, era possível encontrar colunas destinadas a informar o paradeiro de pessoas da localidade que partiam de viagem, ou daquelas que retornavam à cidade; anúncios de médicos, cirurgiões, advogados, profissionais em geral oferecendo seus serviços; avisos das sociedades representativas dos imigrantes a seus sócios, como a Sociedade Espanhola; propagandas de casas comerciais ofertando seus produtos; informativos de objetos extraviados; notícias sobre a realização de espetáculos artísticos; reportagens aludindo a outros órgãos da imprensa local, etc. Desse modo, o jornal constituía-se em um meio de expressar e atender as demandas locais e intercambiar informações entre diferentes segmentos sociais, mobilizando os habitantes da zona fronteiriça. Consideramos, então, o jornal como um espaço em que o modo de operar das relações fronteiriças materializa-se em diversas cenas enunciativas, as rediz, movimentando sentidos próprios desse universo.

Dado o exposto, tomamos o jornal como uma espécie de “cenário” em que os textos nele contidos nos permitem interpretar em que conjuntura estavam e como enunciavam os personagens que habitavam a fronteira Livramento-Rivera. Portanto, considerando que o incremento da economia local, através do comércio, é o principal fator que movimenta a vida na fronteira no período tratado, mobilizando pessoas, o recorte que fizemos inclui anúncios de casas comerciais, produtos e serviços, os quais constituem nosso corpus de análise.

2 METODOLOGIA E ANÁLISE

De acordo com os propósitos deste estudo, ao tomar jornais publicados nos anos finais do século XIX e início do XX na fronteira Santana do Livramento-Rivera, os consideramos como constituindo um *arquivo*, pois são documentos de registro na(s) língua(s)

jornais que marcam historicamente a fundação da imprensa foram publicados pela primeira vez no ano de 1808: Correio Braziliense, em 1º de junho, e a Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro.

da memória dessa fronteira, textualidades que dizem sobre os modos de enunciar nessas línguas, sobre seu funcionamento enunciativo.

Para definir o corpus de nossa pesquisa, recortamos esse arquivo composto pelos jornais a que tivemos acesso. Essas publicações integram o acervo do *Museu da Comunicação Hipólito José da Costa*, situado em Porto Alegre e vinculado à Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Ao manipular esse arquivo a fim de responder nossas indagações, chegamos ao *corpus* constituído por anúncios comerciais redigidos parcialmente em Espanhol ou que contivessem palavras nessa língua, publicados em Livramento-Rivera em jornais do lado brasileiro da fronteira e no período em questão, como também, anúncios escritos unicamente em língua portuguesa.

Para empreender a análise dos anúncios comerciais selecionados os consideramos como textualidades em que línguas que circulam na fronteira funcionam enunciativamente. Nesse sentido, ao analisá-los, compreendemos que esses anúncios configuram cenas específicas nas quais sujeitos fronteiriços enunciam a partir de lugares de dizer constituídos na enunciação.

Em um primeiro momento, voltamo-nos para o conjunto das cenas enunciativas consideradas no todo de cada página selecionada. A partir da observação das laudas: a) quantificamos os anúncios publicados bem como, indicamos a que se destinavam em sua maioria; b) descrevemos cada anúncio destacando suas características no que tange: ao produto ou serviço ofertado, ao espaço ocupado na página, à disposição e à descrição dos enunciados que o compõem, às fontes tipográficas empregadas e, por fim, à(s) língua(s) em que estão redigidos. c) elaboramos um quadro descritivo distribuído em três colunas destacando: o anúncio – produto ou serviço anunciado –, a localização do estabelecimento comercial e a língua em que estava escrito. Finalmente, confrontamos as páginas destacadas e partimos para a interpretação das cenas enunciativas em sua totalidade.

Passamos, a seguir, à análise do jornal federalista santanense “O Maragato”⁸, destinado a noticiar eventos de interesse do Partido Federalista, considerando uma das páginas do jornal dedicadas à publicação de anúncios comerciais (*Figura 1*).

⁸ Alguns periódicos como “O Maragato”, publicados por órgãos da imprensa santanense, por vezes, eram editados em *Rivera*. Esse jornal, por ser alinhado ideologicamente ao Partido Federalista, durante certo período, foi editado na cidade uruguaia, de acordo com a situação política vivida na província, sob o domínio do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) a partir de 1895.

Dividem o espaço da lauda textos publicitando produtos e serviços oferecidos por casas de comércio e profissionais estabelecidos em Santana do Livramento e Rivera, e também outras cidades do seu entorno, como *San Eugenio*, Dom Pedrito ou São Gabriel. Nesta página, podemos observar quais artigos eram consumidos pela sociedade fronteiriça quais atividades atendiam às suas demandas.

Encontramos, por exemplo, a propaganda de medicamentos como a “Pomada Albirina”, empregada para sanar disfunções cutâneas, produzida em Pelotas; “A maravilha curativa do Dr. Humpreys”, loção analgésica com diversas propriedades, a “Água de Quina Tônica”, utilizada para o trato de problemas capilares, ou ainda, os “Específicos do afamado Dr. Humprei”, fármacos que prometiam curar as mais “rebeldes” enfermidades.

Quanto ao ramo de atuação de profissionais liberais, tem-se a divulgação dos préstimos de agrimensores, advogados, procuradores, escrivães, entre outros. Em meio aos estabelecimentos anunciantes, encontram-se: “*Gran Casa Comercial*”, “*Sastrería Riverense*”, “*Sapataria Nacional*”, “*Pharmacia Oriental*”, “*Armazem de Fernandez e Garcez*”, “*Iriondo & C.*”, “*Botica Homeopathica Brasileira*”, “*Marcenaria*”, os quais fabricavam e/ou vendiam os mais variados produtos, como móveis, tecidos, vinhos, fumos e charutos, remédios homeopáticos ou alopáticos, sapatos, artigos de bazar, trajes para diversas ocasiões, sendo muitos importados.



Figura 1 - Página de “O Maragato”, edição de 23 de março de 1898.
Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa – Porto Alegre.

Em relação às características dos anúncios, a maioria ocupava um espaço quadrangular na seção “Anúncios”, trazendo no cabeçalho o nome do comércio ou da mercadoria promovida, geralmente, seguida do nome de seu proprietário ou de seu fabricante. Logo, apresenta-se uma descrição das atividades prestadas ou dos artigos em venda, algumas breves, outras de maior extensão, ressaltando suas qualidades. Finalizam-se com a indicação da forma de pagamento (por exemplo: “Vendas sómente a dinheiro”, “Sómente à dinheiro”) e o endereço do local. As fontes tipográficas utilizadas variam de acordo com o anúncio, sendo empregadas letras maiúsculas e minúsculas, e como recursos de realce, caracteres em negrito e itálico.

No que se refere à língua em que estão redigidos, alguns estão em Português, outros em Espanhol, como também, contendo enunciados nas duas línguas, independentemente da localização do estabelecimento anunciante, ou seja, de ambos os ‘lados’ da fronteira

geopolítica ou em cidades em suas cercanias. Assim, apresenta-se a situação descrita no Quadro 1⁹:

Conforme ilustra o quadro, dos 16 anúncios publicados nessa página, 13 estão em Português, 2 em Espanhol e 1 em Português e Espanhol. Dos primeiros, 6 referem-se a locais estabelecidos em Livramento; 2, localizados em Rivera, 1 em D. Pedrito, 1 em São Gabriel, 1 em *San Gabriel*¹⁰ e 2 não apresentam especificação de cidade. Desses últimos, um traz apenas a indicação da rua em que se localiza “Rua 20 de Junho” e o outro, a informação “Antiga casa do chapeleiro”.

Dos anúncios em Espanhol, um refere-se a um comércio localizado em San Eugenio; e o outro, do escritório do Procurador Plínio Chucharo, estabelecido em Rivera. Já no anúncio que apresenta enunciados em Português e Espanhol, predominam os em Língua Portuguesa, sendo a segunda materializada apenas no nome do estabelecimento “Sastrería Riverense” e no de seu proprietário “Miguel de Mello y Nieves”¹¹.

<i>Comércio/Produto</i>	<i>Localização</i>	<i>Língua(s)</i>
Pomada Albirina	Livramento	Português
Específicos do afamado Dr. Humprei	Livramento	Português
A maravilha curativa do Dr. Humpreys	Apenas indicação da rua	Português
Água de Quina Tónica	Livramento	Português
Sastrería Riverense	Rivera	Português/Espanhol
Agrimensor	São Gabriel	Português
Advogado	San Gabriel	Português
Sapataria Nacional	Livramento	Português
Irionda & C.	Livramento	Português
Pharmacia Oriental	Rivera	Português
Gavino Machado da Silveira (escrivão)	Dom Pedrito	Português
Plínio Chucaro (procurador)	Rivera	Espanhol
Marcenaria	Livramento	Português
Armazem de Fernandez & Garcez	“Antiga casa do chapeleiro”	Português
Botica Homeopática Brasileira	Rivera	Português
Gran Casa Comercial	San Eugenio	Espanhol

Quadro 1 : Distribuição dos anúncios segundo a língua em que estão redigidos.

⁹ Os quadros 1 e 2 foram elaborados por nós a partir da distribuição das línguas presente nas páginas dos jornais submetidas à análise.

¹⁰ Quanto aos nomes “São Gabriel” e “*San Gabriel*”, podem reportar à mesma localidade, situada na Província do Rio Grande do Sul, porém grafados de forma diferente, bem como, ‘*San Gabriel*’ pode aludir ao povoado localizado em Florida, departamento uruguaio e “São Gabriel” à cidade rio-grandense. Aqui estamos considerando a segunda possibilidade.

¹¹ Nos demais anúncios não nos detivemos nos nomes dos anunciantes, pois, a maioria deles, exigiria uma pesquisa etimológica rigorosa para que sua origem fosse apurada. Além disso, muitos costumam apresentar grafia igual ou semelhante tanto em Português como em Espanhol.

Obedecendo ao recorte temporal estabelecido, projetamo-nos em um período de uma década ao nos reportarmos à edição de 09 de maio de 1908 (*Figura 2*) do periódico republicano santanense “A Fronteira”, editado em Livramento.

Do mesmo modo que analisamos a página anterior, estamos considerando a seguinte, também destinada à publicação de anúncios comerciais. Sua observação permite-nos conceber em torno de que produtos e atividades movimentava-se o comércio na fronteira transcorridos dez anos. Estes textos publicitários distribuem-se na mesma lauda, lado a lado. Entre os artigos promovidos, encontra-se o composto depurador de sangue “Tubhitina Vegetal”. A prestação de serviços apresenta-se mais diversificada, havendo ramos como linhas de diligência (“Empresa Alliança” e “A Americana”), encarregadas de realizar o transporte de pessoas e/ou encomendas para várias localidades da região; tratamentos médicos empregando técnicas avançadas, como a eletricidade e luz elétrica, conforme promete a “Clínica Médico-Naturalista” do Dr. Augusto Neubauer; e/ou os modernos serviços de tipografia para a época (impressões a cores de cartões de visita, convites de casamento, etc.), encontrados no estabelecimento thypografico “A Fronteira”. As casas comerciais anunciantes são “*Casa de Novedades*”, “A Casa do Ghilhermino”, “A Casa Verde”, “Gabriel Guirotane” importação e exportação e “Casa Maciel e Cia.”. Esses locais comercializavam artigos como confecções femininas e masculinas, cobertores de lã, acessórios como luvas e chapéus, louças, vinhos, tecidos, produtos coloniais, materiais de construção, gêneros alimentícios.

No tocante à configuração dos tipos gráficos empregados nos anúncios, mantêm-se as mesmas características, porém com uma maior variedade de recursos como bordas decoradas ou palavras dispostas em arco.



Figura 2: Página nº 38 de “A Fronteira”, edição de 09 de maio de 1908.
Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa – Porto Alegre.

No que diz respeito às línguas em que estão redigidos, tem-se a situação descrita no Quadro 2:

Comércio/Produto	Localização	Língua(s)
Casa de Novedades	Rivera	Espanhol/Português
Casa do Guilhermino	Rivera	Português
A Casa Verde	Livramento	Português
Empresa Alliança	Livramento	Português
A Americana	Livramento	Português
A Fronteira	Rua 29 de Junho (Livramento)	Português
Clinica Médico-Naturalista	Livramento	Português
Casa Maciel & Cia.	Livramento	Português
Thurbitina Vegetal	Rivera/Pelotas	Português
Gabriel Guirotane	Livramento	Português

Quadro 2: Distribuição dos anúncios segundo a língua em que estão redigidos.

De acordo com o exposto, dos dez anúncios publicados na página, 9 estavam em Português e 1 em Espanhol e Português. Esse último possuía apenas o enunciado “Linha divisória” em Língua Portuguesa, estando os demais enunciados que o constituem em Espanhol. Dos primeiros, 5 referiam-se a locais estabelecidos em Livramento e 3, em Rivera, sendo que um aludia também a Pelotas. Quanto ao anúncio em ambas as línguas, referia-se a “Casa de Novidades”, localizada em Rivera.

O cotejo dessas páginas permite-nos configurar um ‘mosaico’ de cenas enunciativas. Ao pensarmos nas línguas aí enunciadas, vemos que os jornais apresentam uma organização para tais práticas linguísticas e refletem o modo como os falantes fronteiriços “as experimentam” (Guimarães, 2007) no transcurso das relações comerciais vividas, distribuindo-as politicamente.

Para que possamos interpretar tais cenas enunciativas, é importante retomar os modos de representação que dada língua assume segundo os modos de relação com o falante. A predominância do Português nos anúncios analisados confere-lhe um lugar, dado pelo falante ao enunciar nessa língua. O Português funciona como uma língua das negociações, o comércio fronteiriço significa-se pelo Português. No entanto, essas cenas enunciativas também estão constituídas pelo Espanhol, embora em menor incidência.

Ao tomarmos essa distribuição linguística, podemos considerá-la inserida no quadro enunciativo desta fronteira, enquanto espaço único, constitutiva de seu espaço de enunciação (em que Língua Portuguesa e Espanhola relacionam-se com considerável intensidade, embora predomine a primeira nos anúncios analisados).

Do mesmo modo, considerar a fronteira Livramento-Rivera e as diferentes maneiras de representação da relação política sujeito-língua leva-nos a compreendê-la enquanto espaço fragmentado, pois, ao mesmo tempo em que conforma uma fronteira social, uma zona dinâmica compartilhada socialmente, está marcada por uma dimensão político-estatal, simbolizada pela linha divisória imaginária¹².

Voltamo-nos às cenas enunciativas que se referem aos estabelecimentos comerciais situados no “lado uruguaio”¹³ da fronteira. A partir da independência da República Oriental, a língua oficial do país passou a ser o Espanhol. No entanto, na maioria desses anúncios, a língua colocada em funcionamento é o Português. Nesse sentido, podemos afirmar que há

¹² Por tratar-se de uma fronteira seca, ou seja, em que a separação territorial entre dois países não está determinada por limites naturais, para demarcar o limite entre ambos (Brasil e Uruguai), encontram-se pequenos marcos fixados ao longo da chamada “linha divisória”.

¹³ As expressões “lado uruguaio” e “lado brasileiro” são utilizadas para referir à porção do território situada no Uruguai e no Brasil, respectivamente, posterior à linha divisória entre as cidades de Rivera e Santana do Livramento.

certa disparidade entre a língua nacional e a língua do comércio, pois, embora muitos desses comerciantes possuíssem nacionalidade uruguaia, enunciam em Língua Portuguesa, talvez, determinados pela projeção de um possível interlocutor brasileiro falante de Português.

Entretanto, a presença do Espanhol em alguns anúncios pode significar a disputa política entre ambas as práticas linguísticas, pois a tentativa de forjá-la enquanto língua nacional por parte do estado uruguaio a partir do século XIX¹⁴ procura promover um avanço da língua hispânica sobre a portuguesa no território oriental.

Por outro lado, se consideramos as cenas enunciativas relacionadas ao lado brasileiro da fronteira, temos a perspectiva inversa, havendo uma superposição. Pois o Português funciona com *língua do comércio*¹⁵ ao mesmo tempo em que corresponde à língua oficial do estado brasileiro. Levar em conta essa distribuição é também pensar no espaço de enunciação da Língua Portuguesa no Brasil como espaço não-monolíngue, pois o Espanhol é uma das línguas aí enunciadas. Igualmente, é importante ressaltar que também jornais riverenses do mesmo período como “*La Verdad*” (1897-1900) registram a presença do Português, conforme aponta Bertolotti *et al.* (2005).

Em um segundo momento, dirigimo-nos para tais cenas enunciativas, “especificações locais” no(s) espaço(s) de enunciação (Guimarães, 2005: 23), e para os lugares de dizer agenciados no acontecimento. O sujeito fronteiriço que assume a palavra nos anúncios comerciais o faz de um papel constituído na enunciação. Ao tomar os anúncios como cenas enunciativas singulares, indicamos esses lugares de dizer, considerando as condições sócio-históricas em que esses enunciados se inscrevem, determinando, assim, na língua, as figuras agenciadas nessa enunciação.

Nessas cenas enunciativas, o locutor L, origem do dizer, representado no presente da enunciação, divide-se em *locutor-editor* e *locutor-comerciante*. É a partir desses lugares sociais que está autorizado a falar, que lhe é dado o direito de/ao dizer. A figura do *locutor-editor* abarca a totalidade das cenas enunciativas em questão, pois podem ser atribuídos a ele todos os enunciados que constituem os anúncios. Enquanto lugar social, é o editor do jornal que compõe e organiza os anúncios publicados, é desse lugar de dizer que se podem promover os estabelecimentos e os produtos em questão, que se pode falar sobre eles. Ao mesmo tempo,

¹⁴ O *Decreto-Ley Reglamento de Instrucción Primaria*, aprovado em 1877, fundamentado na *Ley de Educación Común*, de forte ideal nacionalista, torna obrigatória a educação primária em Língua Espanhola em todo território oriental. Com isso, há uma entrada progressiva do Espanhol no norte uruguaio, região em que, até então, a língua mais praticada era a portuguesa.

¹⁵ Ao utilizarmos a designação “língua do comércio”, estamos considerando as atividades comerciais que movimentavam a sociedade fronteiriça em nível local. Nesse sentido, a Língua Portuguesa era utilizada para promover produtos e serviços nessa fronteira e para as pessoas que nela viviam ou ainda, que habitavam localidades próximas.

em alguns anúncios, a ela se sobrepõe a figura do *locutor-comerciante*, marcada na expressão da primeira pessoa em enunciados¹⁶ como:

“Pelas relações que *temos* estabelecido”

“*podemos* atender em condições vantajosas”

“*Avisamos* ao *nosso* público que *recebemos*”

“Ocioso é fallar em *nosso* sortimento”

“*Temos* em depósito”

“*vendemos* pelo preço mais baixo da praça”

Os verbos *temos*, *podemos*, *avisamos*, *recebemos* e *vendemos*, bem como o pronome possessivo *nosso*, além de assinalar o lugar do locutor, marcando linguisticamente o sujeito que enuncia, também colocam para dentro da cena enunciativa a figura do interlocutor¹⁷, pois é a ele a quem toda a enunciação do locutor se dirige.

Sendo o interlocutor figura agenciada nessas cenas enunciativas materializadas nos anúncios, também ocupa um lugar social do dizer: o chamaremos *interlocutor-consumidor*. As línguas enunciadas nos anúncios significam a divisão política do locutor ao projetar uma imagem de seu interlocutor-consumidor. Potencial consumidor dos produtos e serviços ofertados, o sujeito fronteiro na figura do interlocutor-consumidor é projetado no acontecimento enunciativo como socialmente constituído pela Língua Portuguesa e também pela Espanhola, enquanto habitante de um espaço de intercompreensão linguística, politicamente dividido entre essas práticas de linguagem.

A análise do cenário composto pelas cenas enunciativas analisadas permitiu-nos conceber uma ideia de como funcionava esta sociedade no início do século, quais eram as tecnologias a que tinha acesso, quais eram suas demandas, por quem estava socialmente composta, como se configuravam as relações em nível interno e externo. Tudo isso nos diz sobre a história local dessas comunidades.

Ao observar os modos de organização dessas práticas linguísticas nas páginas de publicação de anúncios comerciais, vimos como a relação do sujeito fronteiro com as línguas as distribui de acordo com o que essas línguas representam para ele enquanto falante.

¹⁶ Enunciados retirados dos anúncios localizados nas páginas comerciais de “O Maragato”(1898) e “A fronteira” (1908) – Figuras 1 e 2 (grifo nosso).

¹⁷ Optamos por referir à figura “a quem se fala” na enunciação como interlocutor, pois, sendo a intersubjetividade (Benveniste, 1989) própria à linguagem, o outro implicado na enunciação por aquele que fala pode, reciprocamente, assumir o papel de locutor pela reversibilidade das pessoas.

Ao nos centrarmos em cenas enunciativas que retratam as relações comerciais estabelecidas nesta fronteira no final do século XIX, início do XX, a prática da Língua Portuguesa para o intercuro entre comerciantes e consumidores fronteiriços contribui para significar a região de fronteira composta por ambas as cidades como um espaço único, construído socialmente. Ao mesmo tempo, a presença do Espanhol nos anúncios significa na língua uma disputa historicamente constituída, que remete aos tempos em que as terras ocupadas hoje por essas cidades eram motivo de lutas entre as coroas espanhola e portuguesa.

Nas condições sócio-históricas em que se dá o acontecimento enunciativo, a presença de ambas as línguas expressa o embate entre as diferentes formas de representar a relação língua-sujeito, enquanto reguladas por relações imaginárias institucionais e cotidianas, já que o Espanhol sendo língua materna de poucos fronteiriços pode marcar também o lugar do estado uruguaio por corresponder a língua oficial que o representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos dos estudos enunciativos, sobretudo, da Semântica da Enunciação, procuramos compreender como ocorria a relação entre sujeitos e línguas na fronteira Brasil-Uruguaio nos anos finais do século XIX, início do século XX analisando seu funcionamento pela enunciação. No período, a vida das sociedades fronteiriças em processo de urbanização fundamentava-se em uma dinâmica interna, impulsionada pelas relações econômicas com comercialização de produtos e serviços, voltada para as relações estabelecidas com os países mais próximos, segundo a qual se distribuíam e organizavam os habitantes da fronteira e as línguas por eles enunciadas. Ao tratar das línguas praticadas na fronteira nessa perspectiva, consideramos a relação sujeito-língua enquanto permeada pelo político e construída historicamente.

Desse modo, a escolha dos jornais santanenses foi orientada a partir de nosso modo de olhar para esses periódicos, conforme afirmamos, compreendendo-os como lugar de materialização das relações fronteiriças, e assim, das relações entre sujeitos e línguas nesta fronteira. Ao analisá-las separadamente como cenas enunciativas particulares, determinamos os lugares sociais ocupados pelos falantes ao enunciarem em tais cenas e como a projeção desses lugares regula o seu dizer, divide-os politicamente.

A análise das cenas enunciativas materializadas nos anúncios comerciais mostrou que a relação entre sujeito e língua é uma relação construída historicamente. A dinâmica das

línguas Portuguesa e Espanhola e a forma como estão distribuídas nos jornais dizem-nos sobre uma sociedade em constante intercâmbio, uma sociedade constituída por falantes que atribuem sentidos às línguas que praticam. A predominância do Português como língua do comércio nesses anúncios revela como as línguas praticadas ocupam lugares políticos, distribuídos por seus falantes. Do mesmo modo, a presença do Espanhol significa a pluralidade dos modos de enunciar nesse espaço e atribui sentido à Língua Portuguesa, pois esta se significa historicamente também pelo contato com a primeira.

Com esse trabalho, esperamos trazer novos aportes para os estudos fronteiriços do ponto de vista dos estudos enunciativos e contribuir para escrever uma história da sociedade fronteiriça do sul do Brasil a partir do modo como se organizam, distribuem-se e relacionam-se as línguas, quando tomadas pelos sujeitos que as praticam e que as significam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *A fronteira*. Santana do Livramento, 09 de mai. 1908. p.38.
2. ASSOCIAÇÃO Nacional de Jornais (ANJ). *Imprensa Brasileira - dois séculos de história*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/>>. Acesso em: 13 dez. 2009.
3. BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2 ed., 1988.
4. _____, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
5. BERTOLOTTI, Virginia; CAVIGLIA, Serrana; COLL, Magdalena; FERNÁNDEZ, Marianela. *Documentos para la historia del portugués en el Uruguay*. Montevideu: UDELAR, 2005.
6. BRASIL. Lei nº 11.161, de 05 de agosto de 2005.
7. CAGGIANI, Ivo. *Sant'Ana do Livramento: 150 anos de historia*. Santana do Livramento: Ed. do Museu Folha Popular e ASPES, v.1, 1983.
8. CHASTEEN, John Charles. *Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
9. ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis Ernesto; BARRIOS, Graciela. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideu: Editorial Amesur, 1987.
10. FERNANDES, Ivani Cristina Silveira; STURZA, Eliana Rosa. A Fronteira como Novo Lugar de Representação do Espanhol no Brasil (2007). In: *Signo & Seña*, nº 20. El

español en Brasil. Investigación, enseñanza, políticas. FANJÚL, Adrián Pablo e CELADA, María Teresa. Universidad de Buenos Aires: Instituto de Lingüística, janeiro de 2009.¹⁸

11. GUILHAUMOU, Jacques, MALDIDIER, Denise. Da Enunciação ao Acontecimento Discursivo em Análise do Discurso. In: GUIMARÃES, Eduardo Junqueira. *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
12. GUIMARÃES, Eduardo Junqueira. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2. ed. 2005.
13. _____. Política de Línguas na Linguística Brasileira. Da Abertura dos Cursos de Letras ao Estruturalismo. In: *Política Linguística no Brasil*. ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
14. *O Maragato*. Rivera, 23 de mar. 1898. Anuncios.
15. ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
16. PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à Afirmação do Óbvio*. 3ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
17. RONA, José Pedro. *El dialecto Fronterizo Del Norte Del Uruguay*. Montevideu: Librería Adolfo Linardi, 1965.
18. STURZA, Eliana Rosa. Mi Casa, Su Casa. In: *Discutindo Língua Portuguesa*, São Paulo - Brasil, p. 42 - 47, 05 jun. 2007.
19. _____. Línguas de Fronteira e Política de Línguas. Uma História das Idéias Linguísticas. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT: This paper turns to the end of the XIX century and beginning of the XX century, period when the border communities from southern Brazil started to implement their urbanization process. Since then, trade is one of the elements that drives the economy of the region, stimulates development and creates an important network connection among the members of this society and among them with inhabitants from other places. In such socio-historical conditions, newspapers were a way of expressing and meeting local demands as well as exchanging information among different social segments. In the light of enunciative studies (Benveniste, 1988, 1989; Flores et al. 2008), mainly Semantics of Enunciation (Guimarães, 2005), we aim to understand the relationship between languages and speakers in the enunciative space of the border in the referred period, recurring also to the theoretical framework of Discourse Analysis (Guilhaumou and Maldidier, 1987; Orlandi, 2005). To this end, we consider newspaper as a space where border relationships are materialized. By addressing the relationship between subjects and languages in the border of Santana do Livramento

¹⁸ A paginação referida no decorrer deste artigo corresponde a uma primeira versão do texto publicado pelas autoras em 2009, a qual tivemos acesso em 2007.

and Rivera through the analysis of enuciative scenes from advertisements published at “O Maragato” (1898) and “A fronteira” (1908) we aim to contribute to the history of the circulation of Portuguese and Spanish in the southern Brazilian border.

KEYWORDS: border; enunciative scenes; newspapers from Santana do Livramento.

Recebido no dia 20 de novembro de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 08 de março de 2011.